

NIETZSCHE e a filosofia

NIETZSCHE E A FILOSOFIA

Título original: *Nietzsche et la philosophie*

Gilles Deleuze

© Presses Universitaires de France, 1962

© n-1 edições, 2018

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart e

Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

TRADUÇÃO Mariana de Toledo Barbosa e

Ovídio de Abreu Filho

PREPARAÇÃO Diogo Henriques

REVISÃO Clarissa Melo

Este livro contou com o apoio dos programas de auxílio à publicação do Instituto Francês.

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aide à la publication de l'Institut français.

**INSTITUT
FRANÇAIS**
BRASIL



A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

IMAGEM/CAPA: Custom Medical Stock Photo / Banco de Fotos da Alamy

n-1edicoes.org

Gilles Deleuze

NIETZSCHE
e a filosofia

N-1
edições

1. O TRÁGICO

09	1. O conceito de genealogia
11	2. O sentido
15	3. Filosofia da vontade
17	4. Contra a dialética
20	5. O problema da tragédia
23	6. A evolução de Nietzsche
25	7. Dioniso e Cristo
28	8. A essência do trágico
31	9. O problema da existência
35	10. Existência e inocência
38	11. O lance de dados
41	12. Consequências para o eterno retorno
43	13. Simbolismo de Nietzsche
46	14. Nietzsche e Mallarmé
49	15. O pensamento trágico
52	16. A pedra de toque

2. ATIVO E REATIVO

55	1. O corpo
56	2. A distinção das forças
59	3. Quantidade e qualidade
61	4. Nietzsche e a ciência
64	5. Primeiro aspecto do eterno retorno: como doutrina cosmológica e física
67	6. O que é a vontade de potência?
71	7. A terminologia de Nietzsche
74	8. Origem e imagem invertida
77	9. Problema da medida das forças
79	10. A hierarquia

81	11. Vontade de potência e sentimento de potência
84	12. O devir-reativo das forças
86	13. Ambivalência do sentido e dos valores
89	14. Segundo aspecto do eterno retorno: como pensamento ético e seletivo
93	15. O problema do eterno retorno

3. A CRÍTICA

97	1. Transformações das ciências do homem
100	2. A fórmula da questão em Nietzsche
102	3. O método de Nietzsche
104	4. Contra seus predecessores
108	5. Contra o pessimismo e contra Schopenhauer
110	6. Princípios para a filosofia da vontade
113	7. Plano de <i>Genealogia da moral</i>
116	8. Nietzsche e Kant do ponto de vista dos princípios
118	9. Realização da crítica
121	10. Nietzsche e Kant do ponto de vista das consequências
122	11. O conceito de verdade
126	12. Conhecimento, moral e religião
129	13. O pensamento e a vida
131	14. A arte
133	15. Nova imagem do pensamento

4. DO RESSENTIMENTO À MÁ CONSCIÊNCIA

145	1. Reação e ressentimento
145	2. Princípio do ressentimento
149	3. Tipologia do ressentimento
151	4. Características do ressentimento
155	5. Ele é bom? Ele é mau?
158	6. O paralogismo
160	7. Desenvolvimento do ressentimento: o sacerdote judaico

165	8. Má consciência e interioridade
166	9. O problema da dor
168	10. Desenvolvimento da má consciência: o sacerdote cristão
171	11. A cultura considerada do ponto de vista pré-histórico
174	12. A cultura considerada do ponto de vista pós-histórico
177	13. A cultura considerada do ponto de vista histórico
180	14. Má consciência, responsabilidade, culpa
183	15. O ideal ascético e a essência da religião
186	16. Triunfo das forças reativas

5. O ALÉM-DO-HOMEM: CONTRA A DIALÉTICA

189	1. O niilismo
190	2. Análise da piedade
194	3. Deus está morto
200	4. Contra o hegelianismo
204	5. Os avatares da dialética
207	6. Nietzsche e a dialética
209	7. Teoria do homem superior
212	8. O homem é essencialmente “reativo”?
217	9. Niilismo e transmutação: o ponto focal
222	10. A afirmação e a negação
228	11. O sentido da afirmação
234	12. A dupla afirmação: Ariadne
239	13. Dioniso e Zaratustra

245 CONCLUSÃO

251 NOTA DO EDITOR

253 LISTA DAS TRADUÇÕES DE NIETZSCHE

ABREVIATURAS UTILIZADAS NAS NOTAS

A	<i>Aurora</i>
AC	<i>O Anticristo</i>
AS	<i>O andarilho e sua sombra</i>
BM	<i>Além do bem e do mal</i>
Co. In.	<i>Considerações intempestivas</i>
Cr. Id.	<i>Crepúsculo dos ídolos</i>
DD	<i>Ditirambos de Dionísio</i>
EH	<i>Ecce homo</i>
FT	<i>A filosofia na época trágica dos gregos</i>
GC	<i>A gaia ciência</i>
GM	<i>Genealogia da moral</i>
HH	<i>Humano, demasiado humano</i>
NT	<i>O nascimento da tragédia</i>
NW	<i>Nietzsche contra Wagner</i>
VP	<i>Vontade de potência</i>
Z	<i>Assim falou Zaratustra</i>

1. O TRÁGICO

1. O conceito de genealogia

O projeto mais geral de Nietzsche consiste em introduzir na filosofia os conceitos de sentido e de valor. É evidente que a filosofia moderna, em grande parte, viveu e vive ainda de Nietzsche. Mas talvez não da maneira como ele teria desejado. Nietzsche nunca escondeu que a filosofia do sentido e dos valores deveria ser uma crítica. Kant não conduziu a verdadeira crítica porque não soube colocar seu problema em termos de valores; este é então um dos principais motivos da obra de Nietzsche. Ora, aconteceu que na filosofia moderna a teoria dos valores gerou um novo conformismo e novas submissões. Mesmo a fenomenologia contribuiu, com seu aparelho, para colocar uma inspiração nietzscheana, frequentemente nela presente, a serviço do conformismo moderno. Entretanto, quando se trata de Nietzsche, devemos, ao contrário, partir do seguinte fato: a filosofia dos valores, tal como ele a instaura e a concebe, é a verdadeira realização da crítica, a única maneira de realizar a crítica total, isto é, de filosofar “com o martelo”. Com efeito, a noção de valor implica uma subversão¹ crítica. Por um lado, os valores aparecem, ou se dão, como princípios: uma avaliação supõe valores a partir dos quais aprecia os fenômenos. Porém, por outro lado e mais profundamente, são os valores que supõem avaliações, “pontos de vista de apreciação” dos quais deriva seu próprio valor. O problema crítico é o valor dos valores, a avaliação da qual procede o valor deles; portanto, o problema da sua *criação*. A avaliação se define como o elemento diferencial dos valores correspondentes: elemento crítico e criador ao mesmo tempo. As avaliações, referidas a seu elemento, não são valores, mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente

1. O termo francês *renversement* coloca um desafio para a tradução, pois admite ao menos dois sentidos em português: *subversão* e *inversão* (ou *reversão*). Opta-se por traduzir *renversement* por *subversão* quando se designa a derrubada dos fundamentos, o que envolve a crítica de todos os sentidos e valores reativos, ou metafísicos. Escolhe-se traduzir *renversement* por *inversão*, ou *reversão*, quando se refere simplesmente à substituição de sentidos e valores de um tipo por sentidos e valores de outro tipo, por exemplo, a substituição de sentidos e valores ativos por sentidos e valores reativos. Por fim, sublinha-se que, quando os sentidos e valores ativos tomam o lugar dos sentidos e valores reativos, também se pode falar em *subversão*, pelo motivo acima explicitado. [N.T.]

de princípios para os valores em relação aos quais eles julgam. Por isso temos sempre as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função de nossa maneira de ser ou de nosso estilo de vida. Há coisas que só se pode dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode crer com a condição de avaliar “baixamente”, de viver e pensar “baixamente”. Eis o essencial: *o alto e o baixo, o nobre e o vil* não são valores, mas representam o elemento diferencial do qual deriva o valor dos próprios valores.

A filosofia crítica tem dois movimentos inseparáveis: referir toda coisa e toda origem de qualquer valor a valores; mas também referir esses valores a algo que seja sua origem e que decida sobre o seu valor. Reconhecemos a dupla luta de Nietzsche. Contra aqueles que subtraem os valores à crítica contentando-se em inventariar os valores existentes ou em criticar as coisas em nome de valores estabelecidos: os “operários da filosofia”, Kant, Schopenhauer.² Mas também contra aqueles que criticam ou respeitam os valores fazendo-os derivar de simples fatos, de pretensos fatos objetivos: os utilitaristas, os “eruditos”.³ Nos dois casos, a filosofia está imersa no elemento *indiferente* daquilo que vale em si ou daquilo que vale para todos. Nietzsche se insurge ao mesmo tempo contra a elevada ideia de fundamento, que deixa os valores indiferentes à sua própria origem, e contra a ideia de uma simples derivação causal ou de um raso começo que coloca uma origem indiferente aos valores. Nietzsche forma o conceito novo de genealogia. O filósofo é o genealogista, não um juiz de tribunal à maneira de Kant, nem um mecânico à maneira utilitarista. O filósofo é Hesíodo. Nietzsche substitui o princípio da universalidade kantiana, bem como o princípio da semelhança, caro aos utilitaristas, pelo sentimento de diferença ou de distância (elemento diferencial). “Desse *páthos da distância* é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade!”⁴

Genealogia quer dizer ao mesmo tempo valor da origem e origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto dos valores, tanto quanto a seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia significa

2. BM, 2II.

3. BM, parte VI.

4. GM, I, 2.

o elemento diferencial dos valores do qual decorre seu próprio valor. Genealogia quer dizer, portanto, origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. Genealogia quer dizer nobreza e baixeza, nobreza e vilania, nobreza e decadência na origem. O nobre e o vil, o alto e o baixo: eis o elemento propriamente genealógico ou crítico. Mas, assim compreendida, a crítica é ao mesmo tempo o que há de mais positivo. O elemento diferencial não é crítico do valor dos valores, sem ser também o elemento positivo de uma criação. Por isso a crítica nunca é concebida por Nietzsche como uma *reação*, mas sim como uma *ação*. Nietzsche opõe a atividade da crítica à vingança, ao rancor ou ao ressentimento. Zaratustra será seguido por seu “macaco”, por seu “bufão”, por seu “demônio”, do começo ao fim do livro; mas o macaco se distingue de Zaratustra assim como a vingança e o ressentimento se distinguem da própria crítica. Confundir-se com seu macaco é o que Zaratustra sente como uma das horríveis tentações a que é exposto.⁵ A crítica não é uma re-ação do re-resentimento, mas a expressão ativa de um modo de existência ativo: o ataque, e não a vingança, a agressividade natural de uma maneira de ser, a maldade divina sem a qual não se poderia imaginar a perfeição.⁶ Esta maneira de ser é a do filósofo porque ele se propõe precisamente a manejar o elemento diferencial como crítico e criador, portanto, como um martelo. Eles pensam “baixamente”, diz Nietzsche sobre seus adversários. Nietzsche espera muitas coisas dessa concepção de genealogia: uma nova organização das ciências, uma nova organização da filosofia, uma determinação dos valores do futuro.

2. O sentido

Jamais encontraremos o sentido de alguma coisa (fenômeno humano, biológico ou até mesmo físico) se não soubermos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se expressa. Um fenômeno não é uma aparência, nem mesmo uma aparição, mas um signo, um sintoma que encontra seu sentido numa força atual. A filosofia inteira é uma sintomatologia, uma semiologia.

5. Z, III, “Do passar além”.

6. EH, “Por que sou tão sábio”, 6-7.

As ciências são um sistema sintomatológico e semiológico. A dualidade metafísica da aparência e da essência e também a relação científica do efeito e da causa são substituídas por Nietzsche pela correlação entre fenômeno e sentido. Toda força é apropriação, dominação, exploração de uma quantidade de realidade. Mesmo a percepção, em seus aspectos diversos, é a expressão de forças que se apropriam da natureza. Isto quer dizer que a própria natureza tem uma história. A história de uma coisa é geralmente a sucessão das forças que dela se apoderam e a coexistência das forças que lutam para dela se apoderar. Um mesmo objeto, um mesmo fenômeno muda de sentido de acordo com a força que dele se apropria. A história é a variação dos sentidos, isto é, “a sucessão de processos de subjugamento que nela ocorrem, mais ou menos profundos, mais ou menos interdependentes”.⁷ O sentido é então uma noção complexa: há sempre uma pluralidade de sentidos, uma *constelação*, um complexo de sucessões, mas também de coexistências, que faz da interpretação uma arte; “todo subjugar e assenhorar-se é uma nova interpretação”.

A filosofia de Nietzsche só é compreendida quando levamos em conta seu pluralismo essencial. E, na verdade, o pluralismo (também chamado empirismo) e a filosofia são uma única coisa. O pluralismo é a maneira de pensar propriamente filosófica, inventada pela filosofia: único fiador da liberdade no espírito concreto, único princípio de um violento ateísmo. Os Deuses morreram, mas morreram de rir ouvindo um Deus dizer que era o único. “Justamente isso não é divino, que haja deuses, mas nenhum Deus?”⁸ E a morte deste Deus que se dizia único é, ela mesma, plural: a morte de Deus é um acontecimento cujo sentido é múltiplo. Eis por que Nietzsche não acredita nos “grandes acontecimentos” ruidosos, mas na pluralidade silenciosa dos sentidos de cada acontecimento.⁹ Não existe sequer um acontecimento, um fenômeno, uma palavra, nem um pensamento cujo sentido não seja múltiplo. Alguma coisa é ora isto, ora aquilo, ora algo mais complicado segundo as forças (os deuses) que dela se apoderam. Hegel quis ridicularizar o pluralismo identificando-o a uma consciência ingênua

7. GM, II, 12.

8. Z, III, “Dos apóstatas”.

9. Z, II, “Dos grandes acontecimentos”.

que se contentaria em dizer “isto, aquilo, aqui, agora”, como uma criança balbuciando suas mais humildes necessidades. Na ideia pluralista de que uma coisa tem vários sentidos, na ideia de que há várias coisas, e “isto e depois aquilo” para uma mesma coisa, vemos a mais alta conquista da filosofia, a conquista do verdadeiro conceito, sua maturidade, e não sua renúncia, nem sua infância. Pois a avaliação disto e daquilo, a delicada pesagem das coisas e dos sentidos de cada uma, a avaliação das forças que definem, a cada instante, os aspectos de uma coisa e de suas relações com as outras, tudo isto (ou tudo aquilo) pertence à arte mais elevada da filosofia, a da interpretação. Interpretar, e mesmo avaliar, é pesar. A noção de essência não se perde aí, mas ganha uma nova significação, pois nem todos os sentidos se equivalem. Uma coisa tem tantos sentidos quantas forem as forças capazes de se apoderar dela. Mas a própria coisa não é neutra e se encontra mais ou menos em afinidade com a força que dela se apodera atualmente. Há forças que só podem se apoderar de alguma coisa dando-lhe um sentido restritivo e um valor negativo. Ao contrário, chamar-se-á essência, entre todos os sentidos de uma coisa, aquele dado pela força que apresenta mais afinidade com ela. Assim, num exemplo que Nietzsche gosta de citar, a religião não tem um sentido único, visto que ela serve alternadamente a múltiplas forças. Mas qual é a força em afinidade máxima com a religião? Qual é a força da qual não se sabe mais quem domina, se é ela própria que domina a religião ou se é a religião que a domina?¹⁰ “Procurem H.” Para todas as coisas, tudo isso é ainda questão de pesagem, a arte delicada, mas rigorosa, da filosofia: a interpretação pluralista.

A interpretação revela sua complexidade quando pensamos que uma nova força só pode aparecer e se apropriar de um objeto usando, no início, a máscara das forças precedentes que já o ocupavam. A máscara ou a artimanha são leis da natureza; portanto, algo mais do que uma máscara ou uma artimanha. A vida, no início, deve imitar a matéria para ser simplesmente possível. Uma força não sobreviveria se, inicialmente, não tomasse emprestada a aparência das forças

10. Nietzsche pergunta qual é a força que dá à religião a possibilidade de atuar “de maneira soberana e por si”? (BM, 62).

precedentes contra as quais luta.¹¹ É assim que o filósofo só pode nascer e crescer, com alguma chance de sobrevivência, aparentando o ar contemplativo do sacerdote, do homem ascético e religioso que dominava o mundo antes de seu aparecimento. A imagem ridícula que se tem da filosofia, a imagem do filósofo-sábio, amigo da sabedoria e da ascese, não é o único testemunho de que tal necessidade pesa sobre nós. Além disso, a própria filosofia não se desfaz de sua máscara ascética à medida que cresce; deve acreditar nela de uma certa maneira, só pode conquistar sua máscara dando-lhe um novo sentido, no qual finalmente se expressa a verdadeira natureza de sua força antirreligiosa.¹² Vemos que a arte de interpretar deve ser também uma arte de atravessar as máscaras, e de descobrir quem se mascara e por que, e com que sentido se conserva uma máscara remodelando-a. Isto quer dizer que a genealogia não aparece no início e que nos arriscamos a muitos contrassensos procurando, desde o nascimento, quem é o pai da criança. A diferença na origem não aparece desde a origem, exceto, talvez, para um olho especialmente preparado, o olho que vê longe, o olho do presbíope, do genealogista. Só se pode captar a essência ou a genealogia da filosofia e distingui-la de tudo aquilo com que no início tinha muito interesse em se confundir quando ela cresce. Isto se dá com todas as coisas. “*Em todas as coisas, só os graus superiores importam.*”¹³ Não que o problema não seja o da origem, mas porque a origem concebida como genealogia só pode ser determinada em relação com os graus superiores.

Não temos que nos perguntar o que os gregos devem ao Oriente, diz Nietzsche.¹⁴ A filosofia é grega na medida em que é na Grécia que ela atinge pela primeira vez sua forma superior, que testemunha sua verdadeira força e seus objetivos que não se confundem com os do Oriente-sacerdote, nem mesmo quando ela os utiliza. *Philosophos* não quer dizer sábio, mas amigo da sabedoria. Ora, é preciso interpretar “amigo” de uma maneira estranha: o amigo, diz Zaratustra, é sempre um terceiro entre eu e mim, que me leva a me superar e a ser superado

11. GM, III, 8, 9 e 10.

12. GM, III, 10.

13. FT.

14. FT.

para viver.¹⁵ O amigo da sabedoria é aquele que reivindica a sabedoria, mas como alguém reivindica uma máscara com a qual não se sobreviveria; aquele que faz a sabedoria servir a novos fins, estranhos e perigosos, muito pouco sábios na verdade. Ele quer que ela se supere e que seja superada. É certo que o povo nem sempre se engana com isto; ele pressente a essência do filósofo, sua antissabedoria, seu imoralismo, *sua* concepção da amizade. Humildade, pobreza, castidade, adivinhemos o sentido que assumem essas virtudes sábias e ascéticas quando são retomadas pela filosofia como por uma força nova.¹⁶

3. Filosofia da vontade

A genealogia não só interpreta, ela avalia. Até agora, apresentamos as coisas como se as diferentes forças lutassem e se sucedessem em relação a um objeto quase inerte. Mas o próprio objeto é força, expressão de uma força. E é por isso que há mais ou menos afinidade entre o objeto e a força que dele se apodera. Não há objeto (fenômeno) que já não seja possuído, visto que, nele mesmo, ele é não uma aparência, mas a aparição de uma força. Toda força está, portanto, numa relação essencial com outra força. O ser da força é o plural; seria rigorosamente absurdo pensar a força no singular. Uma força é dominação, mas é também o objeto sobre o qual uma dominação se exerce. Eis o princípio da filosofia da natureza em Nietzsche: uma pluralidade de forças agindo e padecendo à distância, em que a *distância* é o elemento diferencial compreendido em cada força e pelo qual cada uma se relaciona com as outras. A crítica ao atomismo deve ser compreendida a partir deste princípio: consiste em mostrar que o atomismo é uma tentativa de atribuir à matéria uma pluralidade e uma distância essenciais que, de fato, só pertencem à força. Só a força tem por ser referir-se a outra força. (Como diz Marx, quando interpreta o atomismo: “Os átomos são, para eles mesmos, seu único objeto e só podem se relacionar com eles próprios”).¹⁷ Mas a questão é a seguinte: a noção de átomo, em sua essência, pode dar conta da

15. Z, I, “Do amigo”.

16. GM, III, 8.

17. Marx, *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*.